

De Zambi a Allah – Os postulados da Umbanda Esotérica e os atributos divinos no Islam – possibilidades dialogais

From Zambi to Allah – The postulates of Esoteric Umbanda and the divine attributes in Islam – dialogical possibilities

Pedro Antonio Pires Nogueira¹
pepires@compuland.com.br

Resumo:

Este trabalho consiste num exercício de religião comparada, mais especificamente de mística comparada. Neste artigo, procuraremos abordar de forma sintética os postulados da Umbanda Esotérica segundo Woodrow Wilson da Matta e Silva, sacerdote umbandista e reconhecido autor de diversas obras sobre o assunto, assim como de alguns dos noventa e nove atributos divinos ou nomes de Deus no Islam, encontrado no livro sagrado do Alcorão e discutido por alguns autores especializados no tema. Tentaremos estabelecer algumas correlações entre os conceitos de deus esposados por estas duas religiões, demonstrando os pontos convergentes a partir dos aspectos místicos encontrados nestas duas maneiras de conexão com o Sagrado. Com estes escritos, acreditamos estar contribuindo para mais uma possibilidade de diálogo inter-religioso. Desta vez, entre uma religião, cuja tradição escrita é baseada no livro, o Alcorão e outra religião baseada na tradição oral e de construção coletiva – a Umbanda.

Palavras chave: Umbanda esotérica; Islam; atributos divinos; mística comparada; Zambi; Allah.

Abstract:

This work is an exercise in comparative religion, more specifically in compared mystic. In this article, we will try to summarize the postulates of Esoteric Umbanda according Woodrow Wilson da Matta e Silva, Umbanda priest and renowned author of several works on the subject and some of the ninety-nine divine attributes or names of God in Islam, found in the holy book of Quran and discussed by some authors specialized in the subject. We will try to establish some correlations between the concepts of God espoused by these two religions, showing the converging points from the mystical aspects found in these two ways of connecting with the Sacred. With these writings, we believe we are contributing to a further possibility of inter-religious dialogue. This time, between one “religion of the book”, the Quran, writing-based tradition, and other religion based on oral tradition and under a collective construction – the Umbanda.

Key Words: Esoteric Umbanda; Islam; divine attributes; compared mystic; Zambi; Allah.

¹ Mestrando em Ciências da Religião – UFJF/PPCIR
Orientador: Prof. Dr. Volney J. Berkenbrock

Introdução:

A partir de nossas pesquisas no âmbito das religiões, tomamos contato com duas realidades distintas, duas maneiras próprias e peculiares de conectar-se com o Sagrado: a Umbanda e o Islam. Com o aprofundamento de nossas leituras, somando-se nossas experiências pessoais, percebemos que existem certos pontos de convergência nos conceitos místicos destas duas religiões que se mostram bastantes distintas em suas liturgias. Nosso trabalho dar-se-á na tentativa de estabelecer estas aproximações entre estas duas formas de religiosidades, apontando possibilidades dialogais.

Para nosso artigo, por uma questão metodológica, escolhemos abordar as duas religiões partindo de pontos específicos: os sete postulados da Umbanda esotérica propostos por Woodrow Wilson da Matta e Silva, sacerdote, pesquisador e escritor reconhecido no meio umbandista e alguns dos nomes de Deus ou seus atributos divinos constantes no Alcorão – livro sagrado do Islam e suas interpretações de acordo com alguns renomados estudiosos do tema.

Iniciemos, trazendo definições do que sejam postulados. De acordo com o dicionário Houaiss da língua portuguesa, versão eletrônica de junho de 2009, postulado é:

- a) o que se considera como fato reconhecido e ponto de partida, implícito ou explícito, de uma argumentação; premissa;
- b) afirmação ou fato admitido sem necessidade de demonstração;

Rubrica: religião

- c) período de preparação e provações que os candidatos ao noviciado devem cumprir em algumas comunidades religiosas.

Em nosso trabalho, utilizaremos as duas primeiras definições, visto não estarmos nos referindo a períodos de preparação ou provação para o ingresso ao noviciado.

O termo Zambi foi escolhido para designar a Divindade Suprema na Umbanda por ser citado por Matta e Silva em suas obras e por ser bastante conhecido no meio umbandista como o deus criador ou Deus-Pai.

Como estaremos utilizando as ideias de um autor específico ao trabalhar alguns postulados umbandistas, seria bom que deixássemos claros alguns conceitos por ele usados de forma a não haver dúvidas quanto às ideias propostas. Neste sentido, segundo o autor, temos:

Criar:

-ato ou ação de transformar, dinamizar a natureza das coisas ou dos elementos; ato ou ação perpetrada pela Vontade Suprema no universo natural.

Nada:

- aquilo que não é; não corresponde à quaisquer estados da matéria. O vazio neutro.

Substância:

- aquilo que subsiste por si; matéria, essência; natureza de uma coisa.

Energia:

- atividade; maneira como se exerce uma força; vigor; faculdade que tem um corpo de fornecer trabalho; aquilo que pode se transformar em peso, densidade, formas e cores diversas.

Matéria:

- tudo aquilo que tem corpo e forma ou substância.

Espaço:

- extensão indefinida; capacidade de terreno; intervalo; duração.

Criador:

- aquele que pode operar com a natureza das coisas; aquele que cria.

Incriado:

- que existe sem ter sido criado ou gerado de outra existência. (Matta e Silva, 1985 p. 30-32)

Conforme forem surgindo outros conceitos específicos ao longo deste artigo, procuraremos dar seu significado segundo aquilo esposado pelo autor inserido no corpo do texto com a finalidade de facilitar o entendimento.

Passemos aos nossos estudos e correlações, iniciando pela Umbanda esotérica.

De acordo com Matta e Silva (1985), a Umbanda Esotérica afirma em sua doutrina, sua crença inabalável na eterna existência de Deus-Pai como O Supremo Espírito de Absoluta Perfeição; O Incriado Absoluto, uno e indivisível. Ou seja, jamais recebeu qualquer sopro, vibração ou irradiação em acréscimo sobre Si mesmo; um Espírito Eternal de inigualável Poder e Sabedoria, totalmente incognoscível e inalcançável em Sua Essência.

A Umbanda Esotérica crê na existência de uma Suprema Consciência que a tudo domina e dirige, sendo este Supremo Espírito o único conhecedor de todas as coisas e seres em seus princípios, causas e origens. Nada nem ninguém se Lhe pode comparar. É o “Divino Arquiteto; o Divino Ferreiro que malha na bigorna cósmica com Sua Vontade” (Matta e Silva, 1985, p.34).

Assim, Deus é o Supremo Espírito Incriado; é o Incriado Absoluto, porque não recebeu nenhum “sopro”, força ou energia de acréscimo sobre SI MESMO; jamais recebeu qualquer vibração de acréscimo a Sua Potência de nenhuma outra Realidade extrínseca a Sua Divina Natureza...

É, de fato, o Único Ser de Suprema Perfeição, que domina e dirige TUDO: a eternidade-tempo, o espaço cósmico, a substância ou a energia, a matéria e a nós mesmos também – espíritos carnados e desencarnados. Incriados também, porque sempre fomos coeternos, coexistentes com ELE por “dentro” da própria eternidade, se no nosso entendimento a relacionarmos com o Tempo imutável, infinito... (Matta e Silva, 1985 p. 19)

Enquanto Criador entende-se que todos os fenômenos da criação são uma manifestação de seu Poder Operante, de Sua Ideação no mundo das energias-massa, onde seriam, então, plasmados os arquétipos de tudo e de todos. Todo o universo e seu funcionamento é fruto de Sua Vontade, de seu Poder. Todas as Leis Morais, regulativas da evolução dos espíritos, fazem parte de Sua obra; são de sua concepção. Nada Lhe escapa aos olhos. Ele é o Deus de suprema perfeição, sem falhas na Criação (Matta e Silva, 1985). A criação do homem descrita na Gênese de Moisés recebe por parte do autor uma interpretação com um viés bastante diferenciado. Vejamos:

Sendo o homem propriamente interpretado como um ser humano, composto fisicamente de células, geradoras dos sólidos, líquidos, gasosos e etéricos, os primeiros consolidadores do corpo denso, e o último (o etérico) consubstanciador de um *outro*, de matéria astral, denominado corpo astral, ou perispírito, é claro que essa *criação* se aplica aos organismos que foram gerados da substância-etérica, e que são usados pelo espírito para se manifestar no mundo das formas astrais e materiais, porém não são *ele em si*... São, é claro, os veículos que usa para viver, quer no mundo astral, quer na condição humana...

Assim, quando Moisés ensinou: “Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, a imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou”, velou o sentido oculto e correto, que seria, como é, na chave de interpretação do Arcano: - E Deus-Pai plasmou a Sua Ideação, na substância natural, criando o Arquétipo, como forma etérica e a sua continuidade para o Protótipo das formas astrais densas... (Matta e Silva, p. 35)

Assim, para a Umbanda esotérica, nada nem ninguém pode ser semelhante à Zambi – o Deus-Pai; Ele, e somente Ele é o plasmador de todos os arquétipos para toda a criação. Das palavras de Matta e Silva (1985, p. 35), podemos depreender que Zambi, o Deus-Pai, criou todos os modelos, todas as imagens para a obra da criação; mas “Deus, sendo imaterial, insubstancial, não plasmou “sua forma” para ser *copiada*...”. Forneceu todos os moldes, mas não cedeu sua própria Essência.

A Umbanda esotérica afirma que os espíritos são eternos e incriados e que sua natureza vibracional se perde nas noites do tempo. Somente Zambi, o Deus-Pai, Aquele que percorre a eternidade do início ao fim, sabe de sua origem e razão. Sendo Zambi a Suprema Consciência, não há outro espírito que Lhe possa ser próximo em evolução.

E é por causa disso, dessa distinção consciencial – reveladora dos próprios aspectos morais de origem – que os espíritos não podem ter *saido*, originado, da própria Natureza Divina do Deus-Pai...

E foi por via destes fatores que adquiriram Sua Paternidade Moral, no *sentido* da educação espiritual, da evolução... Nós – os espíritos, *vibramos* como pequeninos *centros* de consciência em evolução, e Ele Deus, *vibra* a Consciência Suprema, Integral, Perfeita, que nos dá, por acréscimo, tudo *aquilo* de que vamos necessitando na escala evolutiva... (Matta e Silva, p. 36)

Segundo Matta e Silva, a substância etérica é uma substância invisível, impalpável, básica e fundamental, própria do espaço cósmico e co-eterna com ele. Sua origem é de exclusivo conhecimento da sabedoria do Deus-Pai. Sempre existiu de forma convulsa, sem ordenação: o caos das religiões. Não gerava luz, calor, eletricidade, magnetismo ou qualquer outra forma organizada de energia. Foi a partir da atuação do Supremo Poder Operante que esta substância se ordenou (Matta e Silva, p. 38). Citando novamente o Gênese de Moisés, o autor comenta: “No princípio era o caos”... E sua ordem magnânima: “Haja luz! E se fez luz...” Desta forma, neste exato momento, a substância etérica sai de seu estado caótico, ordena-se, dando origem aos átomos e a todos os estados da matéria (Matta e Silva, p. 38, 39).

Voltando nosso foco para o Islam, Ibn al ‘Arabi entende, como a maioria dos teólogos muçulmanos, que cada nome de Deus é uma expressão do Absoluto, uma de suas manifestações, sendo cada uma delas totalmente diferente das demais.

Cada nome faz referência a uma qualidade cósmica específica e diferente de todas as demais qualidades; cada uma delas constitui um *barzaj*² entre o Real e o cosmos. Do ponto de vista da incomparabilidade, o Real está além da diferenciação e cada nome designa a mesma Realidade incomparável e incognoscível. Os nomes divinos designam o que poderíamos denominar “nós universais” dentro da própria Realidade. Cada um nomeia um atributo divino específico que reverbera por todo o cosmos, diferente de todos os demais atributos. Cada atributo possui implicações específicas para as coisas dentro das quais se manifesta, assim como para nossa compreensão das coisas, já que cada um nomeia uma relação em cujos termos pode compreender-se (de maneira relativa, naturalmente) a conexão entre o absolutamente Real e o relativamente real (Chittick, 2003, p. 307-308).

² *Barzaj* refere-se a um espaço entre o Real e sua apreensão pelo homem. Neste sentido, “todas as coisas são *barzaj-s*”.

Allahu significa Deus. Provém de *al*, um artigo e *Ilahu ou Ilah*, Deus. Por contração, *alIlahu* veio a se tornar *Allahu ou Allah* (Mandell, 1999, p. 19).

No Islam, Allah é al-Wâhid, o Único, não havendo outros deuses a não ser Ele. É também al-Ahad, o Um, o Deus único e o eterno. Um deus impenetrável, al-Samad, ao qual nada nem ninguém Lhe engendraram e nada nem ninguém Lhe é semelhante. Sua Essência não pode ser determinada e não manifesta qualquer indício de multiplicidade – é o Ser Uno por excelência, a única Realidade, o Ser Real. Não provém de qualquer outra fonte externa a não ser de Si mesmo (Mandell, 1999).

Enquanto al-Malik, Ele é o Absoluto Proprietário do universo, o Rei do Reino. Ele de nada, nem de ninguém necessita, porém tudo depende d’Ele. “Tudo quanto existe nos céus e na terra glorifica a Deus, o Soberano, o Augusto, o Poderoso, o Prudentíssimo.” (Alcorão Sagrado 62:1). Somente Ele é o Soberano e o Senhor de todos os seres humanos (Mandell, 1999).

Seu atributo *al Quddus*, indica que Ele é o Puro, Perfeito e sem limites. Isto “Indica, ao mesmo tempo, que Deus está isento de qualquer imperfeição (conceito humano) como também que o Seu mistério se acha além de qualquer possível interpretação ou de olhares humanos (realidade unicamente de Deus)” (Mandell, 1999, p. 29).

Do ponto de vista da compreensão islâmica de Deus, talvez o atributo mais intrinsecamente ligado à criação seja *al khaliq* – o Criador, pois deixa claro sua Essência divina. Antes de ser criado, nada tem vida ou existência. Sendo assim, algo passa a existir somente depois de um ato de concepção (Mandell, 1999). Outro atributo ligado à criação é *al Bari’* – o Promotor, o Plasmador, que indica a qualidade de dispor tudo harmonicamente, num contínuo movimento de interdependência e trocas recíprocas.

Aquele que propositalmente prejudica o semelhante, mais cedo ou mais tarde verá cair-lhe em cima (dele ou de seus filhos ou parentes) a consequência de suas más ações. Igualmente no âmbito da psique de cada indivíduo as ações são consequentes entre si e dependentes umas das outras: não se pode degradar um aspecto da vida humana sem com isso contaminar outros, pois os âmbitos do trabalho, da saúde e da afetividade são afinal de contas “vasos comunicantes” (Mandell, 1999, p. 48, 49).

Assim, entendendo que tudo na criação mantém um estado de estreita relação, não existe a possibilidade de que uma ação negativa não tenha uma consequência para aquele que a praticou. Uma reação contrária é esperada sobre o autor da ação ou sobre os seus parentes próximos.

De acordo com Matta e Silva (1985), esta consequência das ações negativas é denominada, na Umbanda esotérica, de carma-constituído, um conjunto de normas norteadoras, também conhecido por Lei de Consequência. Este conjunto de regras foi criado pelo Pai para regulamentar a evolução dos espíritos no mundo das energias-massa, estabelecendo para eles um processo de reajustamento.

Essa Lei de Consequência é a mesma Lei Cármica dos hindus, que vai apontando sempre para uma sucessão de erros, resgates, provas, lições, experimentações e sofrimentos, tudo isso como consequência fatal do egoísmo da criatura, ou seja, pela ignorância das Leis Divinas, que o mesmo BRAMA criou para disciplinar os mesmos Espíritos que Ele também criou, “como simples e ignorantes”, porém na obrigação de evoluírem em busca da perfeição... (Matta e Silva, 1985, p. 18).

Ainda de acordo com o autor, esta evolução em busca da perfeição pode dar-se através de duas vias: uma via de Ascensão Original ou Cosmos Espiritual, livre das energias-massa, onde habitam espíritos isentos de quaisquer veículos de manifestação provenientes de quaisquer substâncias; outra via evolutiva que é denominada Universo Astral ou Reino Natural, interpenetrada pelas energias-massa em todos os seus estados de densidade e habitada pelos demais espíritos que se utilizam de algum tipo de veículo de manifestação próprio ao seu estágio evolutivo. Por dentro destes postulados da Umbanda esotérica, acredita-se na existência de um conjunto de leis regulativas para o Cosmos Espiritual, chamado Carma Causal e outro conjunto ligado à evolução no Universo Astral ou Reino Natural, chamado Carma Constituído (Matta e Silva, 1985). Matta e Silva destaca que, no Reino Natural, a evolução obedece a uma reversão, tem um limite máximo a ser alcançado. Já na via evolutiva do Cosmos Virginal, o processo é infinito: “saímos dela e temos que voltar a ela...” (Matta e Silva, 1985, p. 40).

No Masnavi, o mestre sufi Rûmî destaca de forma poética:

Escuta a flauta de bambu, como se queixa,
Lamentando seu desterro:
“Desde que me separaram de minha raiz,
Minhas notas queixosas arrancam lágrimas de homens e mulheres.
Meu peito se rompe, lutando para libertar meus suspiros,
E expressar os acessos de saudade de meu lugar.
Aquele que mora longe de sua casa
Está sempre ansiando pelo dia em que há de voltar... (Rûmî, 1982, p. 17)

Vinculado essencialmente ao conceito de leis regulativas e às consequências de suas desobediências encontramos o atributo divino *al Ghaffar* ou *al Ghafiru*. Este nome tem o

significado geral de o Indulgente; o Longânime. *Al Ghaffar* significa “Aquele que não cessa de perdoar”. (Mandell, 1999)

Deus cancela os pecados (*iafa*), isto é, absolve-os. E só Ele pode fazê-lo, pois apenas Ele conhece o conjunto dos mecanismos circunstanciais que determinam o desvio e pode, portanto, estabelecer o justo castigo. Só a Ele, portanto, deve-se pedir perdão. Segundo Ibn al'Arabi, se a criatura de Deus se acha em estado de merecer o castigo e se arrepende, Ele a protege do perigo; e se se acha no estado de não merecer o castigo, Ele a preserva de sofrê-lo. É um nome muito semelhante a **alGhafuru**, o Clemente (Mandell, 1999, p. 96).

O atributo acima mencionado, *al Ghaffur* (ou *al Ghaffuru*), tem relação com a infinita qualidade do Deus perdoador, o Clemente por excelência (Mandell, 1999).

É possível associar outros atributos ou nomes a este processo de aferição dos atos bons ou maus perpetrados pelos homens: *al Fattah*, que tem os significados de o Árbitro, o Vitorioso, o Revelador. De acordo com Mandell, o Vitorioso é seu atributo ativo, como Árbitro, é aquele que pronuncia a sentença e como Revelador é aquele que dá a conhecer aos homens aquilo que lhes estava ocultado. Como *al Hakim* ou *al Hakam*, é o juiz no ato da sentença, de sua decisão soberana. É aquele que detém o conhecimento absoluto das causas e circunstâncias que poderiam levar alguém a cometer um ato injustificado ou faltoso. A este nome se adere a aplicação da justiça equânime que só pode ser encetada pelo Juiz derradeiro, evocando o nome *al Adl*, o Equânime, o Equilibrado, o Justo.

Em nossos apontamentos, destacamos que tanto o Islam como a Umbanda esotérica afirmam a existência de um Ser Supremo e Absoluto. Único, perfeito e ilimitado. Inalcançável em Sua Essência, justiça e magnanimidade. A Ele é atribuído todo o processo da criação, sua organização e todas as suas leis regulativas. No Islam, é aquele que concede tudo aquilo do que vamos necessitando em nossa caminhada evolutiva – *al Razzaq* – Aquele que nutre, o Dispensador, o Nutridor.

De acordo com Mandel, *al Razzaq* é um atributo divino de ação e significa que Deus dota os seres vivos com tudo aquilo que lhes é necessário. Além das necessidades físicas, distribui também os alimentos do espírito. Para os *sufis*, este atributo é manifestado pela Virgem Maria. Assim, o alimento necessário à matéria é o Deus presente; e o alimento necessário ao espírito é a certeza de Sua existência (Mandell, 1999).

Ao conceito da Umbanda esotérica de uma Suprema Consciência a qual toda a criação pertence e da qual nada escapa ao conhecimento, encontramos paralelo no atributo *al 'Alim*, o Onisciente, o Conhecedor de todas as coisas, também conhecido por *'Allamu*. “Aquele que

conhece perfeitamente todas as coisas, Aquele a quem a sabedoria pertence de modo absoluto”. Mandell assinala o valor da onisciência divina nas inúmeras citações do Alcorão sobre o tema (Mandell, 1999, p. 63).

Outro conceito exposto por Matta e Silva e que tem seu relativo no Islam, é a ideia de um Ser Supremo em Sabedoria e Inigualável em sua Sublimidade. Seu atributo divino para os muçulmanos é *al ‘Adhim*, cuja transcrição portuguesa mais comum é *al ‘Azim*. Este termo pode ser traduzido por “o Inacessível”, Aquele que não pode ser alcançado, ou mesmo por “Sublime”, que está relacionado diretamente com Sua graça. De acordo com Mandell (1999, p. 94), a melhor tradução deste termo é “Incomensurável”.

Enquanto Supremo Poder Operante na Umbanda esotérica, assume a qualidade de *al ‘Alliyy*, ou mesmo *al ‘A’la*, o Supremo, o Sumo, o Altíssimo. Mandell, citando Hallaj, escreve:

“Se dizes ‘quando?’, o seu Ser precedeu o instante.
Se dizes ‘antes’, o antes é depois d’Ele.
Se dizes ‘Ele’, o ‘e’, o ‘l’ e o ‘e’ são criação Sua.
Se dizes ‘como?’, Sua essência escapa à descrição pelo Seu modo de ser.
Se dizes ‘onde?’, Sua existência superou este lugar.
Se perguntas ‘Quem é?’, a Sua *ipseidade* é absolutamente outra” (Mandell, 1999, p. 100).

Para Ibn al ‘Arabi, a multiplicidade dos Nomes representa relações e realidades não-existentes, tendo uma única e exclusiva determinação – o Ente, o Altíssimo em si mesmo (Mandell, 1999, p. 101).

Esta nossa tentativa de estabelecer paralelos entre essas duas religiões tão diferentes em suas formas ritualísticas não se fecha em si mesma. Antes, supõe uma abertura ao outro em toda sua completude.

Podemos concluir de nossa pesquisa que estas religiões apresentam sintonia conceitual sobre o Absoluto, não havendo disparidade entre os entendimentos teológicos da Divindade Suprema.

Abre-se, assim, mais uma oportunidade de diálogo religioso entre uma religião do livro e outra de tradição oral; uma religião fundada pelo profeta Mohamed, ‘que a paz esteja com ele’, e outra sem profeta, sem mártir, sem fundador, de construção coletiva e em contínuo processo de vir-a-ser.

Referências:

CHITTICK, William C. *Mundos Imaginales: Ibn al-'Arabi y La diversidad de las creencias*. Sevilla: Alquitara.

MANDEL, Gabriele. *Os 99 nomes de Deus no Alcorão*. Petrópolis: Vozes, 1999.

MATTA E SILVA, W.W. da. *Doutrina secreta da Umbanda*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 2ª Ed. 1985.

_____. *Umbanda – Sua eterna doutrina*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 4ª Ed. 1995.

RÛMÎ, Jalaluddin. *Masnavi*. Rio de Janeiro: Edições Dervish, 1992.